

O GAROTO SCRABBLE

Susin
Nielsen

Tradução
Marina
Mariz



© Susin Nielsen
Esta edição foi publicada com autorização da Tundra Books.
Todos os direitos reservados.

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza
Ana Luiza Candido

Assistente de arte
Alex Yamaki
Daniel Argento

Diagramação
Olivia Pezzin e Bruno Melnic – Estúdio Mondo

Preparação
Tuca Faria

Revisão
Juliana de Araujo Rodrigues
Telma Baeza Gonçalves Dias

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Nielsen, Susin
O garoto Scrabble/ Susin Nielsen; tradução Marina Mariz. – São Paulo:
Panda Books, 2012. 200 pp.

Tradução de: *Word nerd*
ISBN: 978-85-7888-202-0

1. Amizade - Ficção infantojuvenil. 2. Ficção infantojuvenil canadense. I.
Mariz, Marina. II. Título.

12-0226.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

2012

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para minha mãe, Eleanor Nielsen,
por seu amor incondicional, e por
ser a única pessoa de quem sempre
consigo ganhar no Scrabble.

Agradecimentos

Um agradecimento especial a Val Gallant e a todos os membros do Clube de Scrabble de Vancouver por me deixarem participar de suas reuniões regulares e do Torneio de Scrabble de Vancouver. Ao contrário de meus personagens fictícios, eu nunca tive coragem de jogar contra qualquer um deles. Também quero agradecer a Stefan Fatsis, autor de *Word freak*, uma leitura pra lá de divertida sobre o mundo do Scrabble competitivo.

Também devo gratidão eterna a:

Susy Juby, cuja generosidade não conhece limites.

Hilary McMahan, tanto por me aceitar quanto por sua paixão e dedicação rotineiras.

Kathy Lowinger e Sue Tate, por verem o potencial, e por suas observações excelentes que ajudaram a deixar a história mais forte e melhor.

Luther Wright, meu amigo “mais antigo”, que gentilmente me deixou usar a letra de *Darlin*.

Meu marido, Goran, que leu o primeiro rascunho do original e me disse que eu não estava louca.

E, por fim, mas não menos importante, a meu filho Oskar, que me deixou ler o original em voz alta para ele – não uma vez, mas duas – e que, depois de fazer observações pertinentes sobre os diálogos, me falou que era seu livro predileto, em ambas as ocasiões.

× X ×

SUMÁRIO

1. ALERGIA	9
2. PROTEGER	14
3. HISTÓRIA	18
4. AMBROSE	23
5. EXPOSTO	24
6. INFELIZ	28
7. IDIOTA	38
8. SURPRESA	40
9. CRIMINOSO	45
10. ASSASSINO	50
11. CARENTE	57
12. RESGATE	61
13. HUMILHAR	67
14. FRUSTRAÇÃO	78

15. VISITANTE	86
16. LABRADOODLE	92
17. LIGAÇÃO	101
18. HONESTIDADE	109
19. NARCÓTICOS	116
20. ESQUIVAR	126
21. MILAGRE	134
22. TRIUNFANTE	140
23. FERRADO	155
24. CONFUSÃO	161
25. TESTEMUNHO	165
26. REBELIÃO	175
27. FUGITIVO	181
28. SOLUÇÃO	182
29. FLAGRADO	187
30. TRÉGUA	192

L G A I R E A

galé, ira, gaia, alga, areia, real, agir

ALERGIA

No dia em que eu quase morri, o céu estava azul-claro e brilhante – uma mudança legal que a chuva do início da semana fez. Tinha algumas nuvens sobre as montanhas North Shore, mas estavam longe.

Eu, sentado a uma mesa de piquenique no pátio da escola, comia meu lanche. Como era outubro, não estava quente o suficiente para se comer ao ar livre, mas eu preferia isso ao refeitório, que era barulhento e lotado, e, às vezes, um perigo para minha saúde se algum garoto tentasse me passar uma rasteira. Um cara pode se sentir mais solitário cercado de gente do que quando está sozinho.

Dei outra mordida no meu sanduíche, daí olhei para meus pés. Estava usando meus tênis novinhos. Só o olhar mais aguçado seria capaz de ver que não eram Nike. Mamãe não podia comprar um Nike, mas, quando ela me levou a Chinatown no fim de semana, achei uma marca fajuta que era praticamente idêntica, e por um quarto do preço.

Meus tênis novos eram bonitos. De verdade. Branquinhos, com um detalhe azul-marinho na lateral e cordões da mesma cor. Pensando bem, eu não devia ter usado a meia laranja neon com eles, mas mesmo assim pareciam muito legais. Quase me fizeram esquecer minha calça, que estava ficando curta demais, porém, como

mamãe gostava de dizer, ela não era feita de dinheiro. Calças novas teriam de esperar.

No campo, Troy, Mike e Josh jogavam futebol. Por um instante pensei em pedir para jogar com eles, mas na última vez em que tentei isso me puseram no gol, depois ficaram chutando a bola na minha cabeça várias vezes até eu ficar com enxaqueca. Então, decidi continuar ali mesmo.

O sol estava gostoso e eu fechei os olhos. Sentia os raios quentinhos no meu rosto e imaginei que eles faziam evaporar os cravos do meu nariz.

Depois, o sol desapareceu e senti algo bater forte na minha testa. Abri os olhos. A primeira coisa que vi foi a bola rolando pra longe de mim. A segunda, foram os três pares de pés usando Nike.

Olhei para cima. Troy, Mike e Josh estavam diante de mim, bloqueando o sol.

– Ops – disse Troy. Ele era mais alto que os outros em pelo menos uma cabeça, e largo como um tronco de árvore. Tinha cabelo curto, espesso e preto, e seus olhos eram pequenos demais para seu rosto.

– Tudo bem, acidentes acontecem – falei, muito embora acidentes entre a bola deles e o meu crânio ocorressem pelo menos três vezes por semana.

– O que tem de lanche, Spambrose? – perguntou Mike, que era o que algumas pessoas descreveriam como parrudo e eu chamaria de gordo. Ele tinha um cabelo castanho encaracolado e uma carranca permanente, seu jeans bem abaixo da cintura, deixando à mostra alguns centímetros da cueca, coisa que eu entendia que era pra ser legal, e não ridícula.

– Ambrose – eu corrigi. – Sanduíche de queijo, uma cenoura, maçã...

– Que droga de lanche – disse Mike.

Eu ri. Saiu como um relincho de cavalo, porque, confesso, eu forcei um pouquinho.

– É, minha mãe é fanática por nutrição...

– Ei, Rambrose, é verdade que você é alérgico a amendoim? – perguntou Troy.

– É Ambrose. E, sim, é verdade.

– Eu frequento esta escola, tipo, há uns seis anos. Nesse tempo todo comi sanduíche de pasta de amendoim com geleia no lanche. Daí surge você e, de repente, a escola proíbe amendoim.

– É, minha mãe leva isso muito a sério. Você já experimentou pasta de amêndoa? Até que não é má substituta...

– Saca os tênis dele – falou Josh. Ele era o mais baixo dos três, mas forte, rijo e duro, o cabelo raspado ao estilo moicano. Por algum motivo, era quem mais me assustava.

Troy e Mike olharam para meus pés.

– Ike – disse Troy.

– Pronuncia-se “aiki” – expliquei. – Como “Nike” sem o N.

Troy balançou a cabeça.

– Você é muito esquisito.

O orgulho que eu sentia pelos meus tênis começou a sumir.

– Feche os olhos – pediu Josh.

– Por quê?

– Porque eu mandei.

Isso me deixou meio nervoso, porque da última vez em que fechei os olhos para eles, quando abri tinha um corvo morto no meu colo.

Mas é muito difícil dizer não aos Três Patetas. Eu os chamava assim (só na minha cabeça, nunca em voz alta, pois não sou suicida)

porque minha mãe tinha me levado a uma Maratona dos Três Patetas anos atrás e nós vimos os programas velhos deles durante quatro horas sem parar. Troy era Moe, o chefe; Mike era Larry; e Josh era Curly, porque seu cabelo era tão curto que até parecia careca.

Não fazia muito sentido, porque os Três Patetas eram engraçados. Troy, Mike e Josh eram 100% ao contrário.

Então fechei os olhos e, pra passar o tempo, misturei as letras de “três patetas” na cabeça pra ver que palavras eu conseguia formar. Deu patê, parte, teta, seta, rasa, e tinha acabado de descobrir seara quando ouvi Josh:

– Tá, pode abrir os olhos.

Eu abri. Nada no meu colo. Passei a mão no cabelo. Nada – nenhuma minhoca ou cuspe.

– O que vocês fizeram? – perguntei.

Mas Troy só deu um tapinha nas minhas costas, meio forte demais.

– Até mais, Jambrose-nada-de-amendoim.

– Ambrose – repeti. – A gente se vê na aula de matemática.

Eles foram embora. Peguei meu sanduíche e dei uma mordida pensando que, considerando tudo, meu papo com os Três Patetas até que tinha ido bem. Aliás, pensei que talvez isso fosse um passo à frente na nossa relação quando, de repente, senti uma cocceira no corpo, seguida de um forte aperto na garganta.

Eu conhecia essa sensação. Fazia longos oito anos, mas eu ainda lembrava. Tirei a fatia de pão de cima do sanduíche e, claro, ali estava.

Um amendoim. Bom, pra ser preciso: meio amendoim. A outra metade estava no meu trato digestivo, e eu estava tendo um choque anafilático. Todas as membranas mucosas da minha garganta começaram a inchar, e eu mal conseguia respirar. Procurei minha

Epipen, mas lembrei que não estava comigo, e sim numa pochete no meu armário, na qual a escondia quase todas as manhãs, embora minha mãe fosse me matar se soubesse disso. Quando eu usava a pochete, os Três Patetas me chamavam de bicha porque era rosa escuro – uma amostra grátis que minha mãe ganhou num shopping em Kelowna, onde tínhamos morado até dois meses atrás.

E a injeção que podia salvar minha vida estava lá dentro, dois andares acima, e eu ali no pátio da escola lutando para respirar. Avistei Troy, Mike e Josh morrendo de dar risada olhando pra mim. Pouco antes de desmaiar, imaginei os dizeres do meu obituário: NERD SEM AMIGOS MORTO POR AMENDOIM. E logo embaixo: MORRE USANDO IKE.